

Em direção ao neutro¹

Leonardo Almeida e Juan Carlos Gorlier

“l’indication oscillante, a parfois désorientée, de l’aiguille qui est toujours sûre du pôle, même si celui-ci se révèle insituable”. Maurice Blanchot

Juan Carlos Gorlier: Gostaria de saber o que pensa sobre a importância de ter um lugar próprio onde se possa estar consigo para se sentar e escrever².

Leonardo Almeida: Há uma quantidade de condições necessárias, mas elas só se materializam no ato de escrever. Necessita-se de lápis e papel, mas ainda se necessita de um idioma. Podemos seguir agregando condições e necessidades, mas nada disso garante o poder de escrever: a escritura.

JCG: Mas, inclusive, aceitando que não haja a necessidade de estar sentado em uma cadeira e que ela tenha de estar em um lugar próprio e adequado. Não seria necessário estar quieto, imóvel? Mesmo que talvez convenha não tomar isso em um sentido literal...

LA: Prefiro sublinhar o movimento, ou melhor, o caminhar: a literatura está associada ao caminhar. O (a) escritor (a) só deveria aceitar o que vem a ele (a) quando está caminhando à deriva, sem saber de onde vem nem para onde vai, embora possamos evocar outras ideias, por exemplo, o escrever como um nadar em um mar revolto...

JCG: O (a) escritor (a) como nadador (a), o saber nadar como um conhecimento que surge de uma nova relação entre o ser humano e o mar, entre dois corpos; não um saber intelectual, mas um modo de conhecer inseparável de um modo de ser, ao que somente se acessa se for neutralizada a tendência de reagir: a divertir-se quando o mar está calmo e a assustar-se quando está revolto...³

LA: Isto nos abre um atalho para a ideia da literatura como encontro com o neutro...

¹ Este texto, traduzido do espanhol por Leonardo Pinto de Almeida, foi originalmente publicado no livro *Esbozos III – Barthes, Lo neutro* (2019) de Juan Carlos Gorlier, sob o título *Hacia lo neutro*.

² WOOLF, Virginia. *A room of one's own*. New York, NY: Broadview Press, 2001.

³ DELEUZE, Gilles. *Cours sur Spinoza, La voix de Gilles Deleuze en ligne*, 1981. Ver: o segundo grau de conhecimento em Spinoza. Aula de 3 de fevereiro de 1981.

JCG: O neutro, nem um nem outro... uma palavra com tantas conotações. A literatura associada a uma prática neutral... Que consequências teria isto para a ideia do (a) escritor (a) engajado (a)?⁴

LA: Há que diferenciar a neutralidade política, ou a neutralidade de certos métodos científicos da neutralidade inerente à literatura...

JCG: A neutralidade política pode ser vista como uma tentativa, de forma alguma a única, de evitar a experimentação, impedindo o corpo de explorar outras maneiras de ver, pensar, sentir, agir e escrever...

LA: Há uma suposta neutralidade que surge do intento de evitar a relação, o que temos em comum e que nos diferencia; o que temos em comum é o neutro que torna possível experimentar que não temos nada em comum, que somos singulares...

JCG: Certos paradoxos, como esses que anuncia, parecem inseparáveis de uma neutralização da linguagem assertiva... Uma linguagem que está a serviço do poder, uma linguagem diante da qual a vacilação, a imprecisão, a suspensão, tem muito poucas possibilidades de sobreviver a esse monstro que dorme oculto em cada palavra: o estereótipo⁵.

LA: o sujeito que vê, pensa, sente... é de uma só vez algoz e vítima, o amo e o escravo desse poder assertivo...

JCG: Esses estereótipos, esquerda ou direita, masculino ou feminino, branco ou negro, amor ou ódio, estes usos da linguagem, fazem com que o conhecer e o ser se tornem rígidos...

LA: Constroem identificações que congelam as relações. Isto não só ocorre no âmbito da política, mas também na terapia...

JCG: Não convém diferenciar a terapia da clínica?

LA: Definitivamente, a terapia, como a política e o futebol, estimula descargas afetivas, provoca catarse e todo o processo termina reforçando o eu; a clínica se abre ao acontecimento. O acontecimento suspende a linguagem assertiva e debilita o eu ao invés de reforçá-lo, pondo em jogo afetos de outra espécie.

JCG: Na clínica, existem condições que parecem facilitar a suspensão da asserção. Penso no lugar e no tempo das sessões, no divã... embora, parafraseando o que dizia sobre a literatura, tais condições não garantem que durante a sessão algo aconteça...

⁴ SARTRE, Jean Paul. *¿Qué es la literatura?* Buenos Aires: Losada, 1967.

⁵ BARTHES, Roland. *Leçon*. Paris: Seuil, 1978.

LA: A clínica é inconcebível sem certos pressupostos, não só essas condições que são bastante flexíveis, senão pressupostos mais rígidos: se supõe a existência do inconsciente e se concebe a associação livre como um dos meios mais diretos para o seu acesso, além disso, há um repertório básico de diagnósticos que marcam a prática...

JCG: De todas as maneiras e aqui talvez apareça certa relação de parentesco com a literatura, existe um andaime que é necessário, mas que começa a ser derrubado, quando se escuta. Para escutar, é necessário ir abandonando as asserções, os apoios...

LA: Através da escuta, se vai desenhando os contornos de um caminho que se faz ao caminhar...

JCG: Pergunto se não poderíamos explorar um pouco mais a questão do acontecimento, relacionando-a com a noção de repetição...

LA: A repetição é central na clínica. A prática clínica é terapêutica a maior parte do tempo, mas, de vez em quando, existem momentos em que se passa a certo registro; o resto do tempo, a maior parte do tempo, o (a) analisando (a) revive recordações, repete uma e outra vez a mesma história, amarrando o descontínuo ao forjar uma continuidade artificial para reforçar sua identidade pessoal.

JCG: É a repetição do mesmo, o sujeito se debilita lutando contra a força do esquecimento, contra o poder do esquecimento; pior ainda, debilita a vida. A tensão entre a memória o esquecimento permitiria revitalizar a recordação, mas para isso se necessita de certo equilíbrio dinâmico entre o elástico e o rígido, certa plasticidade...: neutra⁶.

LA: Existem momentos em que, usualmente, através de uma intervenção do (a) analista se corta um nó, se produz um curto circuito e, por um instante, se compreende que a repetição nunca é a mesma, não é a repetição do mesmo..

JCG: É a diferença entre o tempo da narração linear e o tempo da duração⁷. Neste último, a descontinuidade não se opõe a continuidade; é uma distinção central para abordarmos a literatura, mais precisamente, o que acontece na e através da literatura...

LA: A repetição do mesmo é o *acting out*, mas o acontecimento corta isso e revela outra repetição; o sujeito descobre que é impossível não repetir, mas que nunca se repete o mesmo; depois do acontecimento não é possível ser o mesmo que se era antes⁸.

⁶ NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda consideración intempestiva. Sobre la utilidad y los inconvenientes de la historia para la vida*. Buenos Aires: El Zorzal, 2006.

⁷ BERGSON, Henri. *Durée et simultanéité. À propos de la théorie d'Einstein*. Paris: PUF, 1968, Ver: Chapitre III. – De la nature du temps.

JCG: O acontecimento é imprevisível, escapa ao controle, não se pode produzi-lo artificialmente; entretanto, insisto um pouco mais, há certas condições que parecem facilitar o seu surgimento...

LA: Há inclusive certas técnicas sem as quais a clínica, os momentos clínicos, seriam quase impossíveis. É necessário aprender as técnicas, praticá-las e, logo, esquecer-las, confiando que isso já tenha se tornado corpo...

JCG: Se não se tornam corpo, a mente se sente livre e começa a manipular as técnicas para produzir “acontecimentos” clínicos ou literários.

LA: Há uma forte tendência a controlar as condições para produzir efeitos...

JCG: Agora mesmo, ao falar sobre o acontecimento, ao tratar de fazer do acontecimento conceito, corremos o risco de pretender explicá-lo...

LA: É necessário neutralizar uma e outra vez a tendência à formalização, à explicação definitiva...

JCG: Na literatura, pode-se distinguir entre recordar e rememorar. A rememoração irrompe quando alguém menos espera, é involuntária e descontínua, feita de experiências que rompem com a trama biográfica⁹...

LA: Os momentos clínicos ou artísticos são inseparáveis da rememoração...

JCG: Escrever não é relatar recordações, não é imprimir uma forma mental a uma matéria vivida¹⁰.

LA: As recordações, o relato autobiográfico do (a) analisando (a), faz com que o trabalho do (a) analista seja tedioso; ouvir alguém durante horas, dias, meses, anos, dizendo sempre o mesmo pode provocar um certo esgotamento...

JCG: Mas, ocasionalmente, se passa de um registro interpessoal “Você me aborrece, é chato”, se passa do “eu-tu” a um registro impessoal, “Há aborrecimento”. Nesse momento, o aborrecimento pousa na sessão, como um pássaro negro...

LA: Ou surge por trás da parede como um gato preto... Quando o (a) analista dá algo de si e entrega o corpo e a palavra a essa experiência, o aborrecimento deixa de ser seu; sem essa entrega, o impessoal não pode acontecer...

JCG: Só dando algo de si é possível deixar de ouvir e começar a escutar...

⁸ KIERKEGAARD, Søren. *Repetition, a venture in experimental psychology*, by Constantin Constantius (pseudônimo), Princeton, NJ: Princeton UP, 1983.

⁹ LYOTARD, Jean-François. *Misère de la philosophie*. Paris: Galilée, 2000. Ver: *La peinture, anamnèse du visible*.

¹⁰ DELEUZE, Gilles. *Critique et clinique*. Paris: Minuit, 1993. Ver: *La littérature et la vie*.

LA: Ouvir é mais confortável, tanto para o (a) analisando (a) quanto para o (a) analista; o (a) analisando sente que o (a) analista é seu (sua) amigo (a), que reconhece sua identidade, que o (a) aceita e o (a) compreende...

JCG: A escuta incomoda; melhor demanda uma atenção singular. É como se estivesse à escuta não de alguém, senão de algo que não se sabe bem o que é...

LA: Eventualmente, o (a) analisando começa a se dar conta que o (a) analista não está aí para compreendê-lo. Estes são os efeitos e os afetos que podem produzir uma escuta neutra.

JCG: Pode-se rastrear toda uma gama de afetos passivos¹¹ em distintas personagens literárias; é como se o fastio, a náusea, a fadiga, estivessem sobrevoando, buscando personagens para se encarnar... Trata-se, nada mais nada menos, de encarnação...

LA: A fadiga é modesta, passa quase inadvertida, é quase neutra¹²...

JCG: Costumam ser personagens entediadas, indiferentes, lisas, demasiada neutras, como para aderir-lhes uma particularidade qualquer¹³...

LA: Há momentos em que aparecem afetos desta índole. Eles são os afetos associados usualmente à catarse que reforça o “eu”; são impessoais...

JCG: São estados anímicos de contornos difusos. Para se referir a eles, a linguagem mesma deixa de ser assertiva e torna-se imprecisa; uma imprecisão que expressa o estado mesmo e a dificuldade de comunicá-lo, forçando a linguagem para expressá-lo...

LA: Em toda análise, em algum momento, se deveria acalantar o cansaço singular que provoca o saber que não se sabe e nunca se saberá, aceitando a impossibilidade de compreender o outro...

JCG: Há certa sabedoria que só pode começar a ser gestada, quando se compreende que não se compreende, que se está às cegas... nesse momento... clínico, literário, místico... Como adjetivá-lo?, o outro aparece como a presença do outro...

LA: Se estamos às cegas, é o trabalho na obscuridade, o trabalho da noite... o aceitar que existem perguntas que não tem resposta...

JCG: As melhores perguntas são aquelas que não tem resposta, mas existe algo que insiste, que empurra a pergunta... e está bem que seja assim...

¹¹ Há aqueles (as) que as consideram “Virtudes passivas”. Ver: OSSOLA, Carlo. *En pure perte. Le renoncement et le gratuit*. Paris: Payot et Rivages, 2011.

¹² BLANCHOT, Maurice. *L’entretien infini*. Paris: Gallimard, 1969. Ver: *La pensée et l’exigence de discontinuité*.

¹³ DELEUZE, Gilles. *Critique et clinique*. Paris: Minuit, 1993. Ver: *Bartleby, ou la formule*.

LA: As questões são chaves na prática clínica; é uma técnica habitual que pode produzir efeitos que vão muito além do previsível, da cadeia de causa e de efeitos...

JCG: Se crê, erroneamente, que aquele (a) que responde é superior ao que pergunta; mas quando alguém responde rápida e assertivamente, sim ou não, existe algo – aquilo que é o mais decisivo – que se perde...

LA: Se o (a) analisando (a) diz “o céu é azul” e o (a) analista repete “é azul?”, sem negar nem afirmar, sem aceitar nem rechaçar, com um ligeiro tom interrogativo, se abre um espaço no qual não se pode prever o que vai acontecer¹⁴ ...

JCG: A interrogação não tira nem coloca nada. Ela é como uma anfitriã gentil e delicada que convida o (a) hóspede a se deter e a observar, sem dizer-lhe o quê é, como uma porta que se abre silenciosamente: um abrir-se neutro.

LA: Um espaço que está aquém e além, que excede amplamente a toda distinção disciplinaria...

JCG: Como definir o espaço introduzido por uma questão neutra, um espaço mais azul, imenso, de tudo aquilo que pode chegar a se conceber¹⁵ ...

LA: Um espaço que torna possível relações mais distantes, mas também mais íntimas com os seres e com as coisas...

JG: Estes paradoxos só são possíveis fazendo girar as palavras, virando-as contra elas mesmas, forçando-as a interrogar, uma e outra vez, e a suspender as respostas...

LA: A questão é mais importante que a resposta; uma questão bem formulada é extraordinária, permite um encontro com o horizonte de toda questão: um encontro com o vazio e o silêncio...

JCG: Um âmbito de onde se tocaria uma sorte de consciência cósmica, sem objeto e sem sujeito, definitivamente, sem “eu”, o âmbito de uma suspensão que não começa nem termina¹⁶ ...

LA: Entretanto, há uma forma de interrogar que tem um propósito, que busca encontrar um pouco de coerência, um pouco de ordem no que se apresenta como incoerente, como caótico...

JCG: São questões que brotam da contemplação e não demandam uma explicação definitiva. Surgem assim respostas que não são assertivas, não pretendem chegar a uma

¹⁴ BLANCHOT, Maurice. *L'entretien infini*. Paris: Gallimard, 1969. Ver: *La question la plus profonde*.

¹⁵ ANSELMO. *Proslogion*. Madrid: Tecnos, 1998, Capítulo 2.

¹⁶ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mille Plateaux*. Paris: Éditions de Minuit, 1980. Ver *L'immanence: une vie*.

conclusão; na literatura, aparecem formas de escritura que no lugar de impor uma ordem artificial tratam de adentrar-se no informe, em uma realidade caótica que as deforma¹⁷.

LA: Por um lado, é necessário tratar de por um pouco de ordem no caos. Por outro lado, precisamos aceitar um pouco de caos na ordem...

JCG: Há escritores (as) que resistem a interpretação totalizante; parecem tecelões (ãs) por escreverem obras que parecem teias de aranha¹⁸...

LA: Tecem e destecem, escrevem para apagar e apagam para escrever, suas palavras deixam de ser suas, não pertencem a ninguém.

JCG: Estamos entrelaçando distintas figuras do neutro, sem tratar de amarrá-las; vamos escrevendo fragmentos....

LA: O fragmento, um nome com força de um verbo, a fragmentação¹⁹...

JCG: O silêncio, os espaços em branco, não unem os fragmentos, mas tampouco os separa.

LA: De novo, se apresenta o desafio de conceber um novo tipo de relação... distante e ao mesmo tempo próxima...

JCG: A escritura fragmentária ignora as contradições, inclusive, aí onde elas se encontram uma depois da outra; ao suspender o propósito de aproximar-se ou distanciar-se, algo começa a deslizar-se através da palavra...

LA: Ao não afirmar nem negar assertivamente, o (a) escritor (a) ou o (a) leitor (a) pode se pôr à escuta; talvez, graças a essa disposição, se pode começar a ouvir um sussurro que desliza, que não diz sim nem não: um murmúrio neutro²⁰...

JCG: Do mesmo modo que se fala de uma escritura fragmentária, poderia se falar de uma leitura fragmentária?

LA: Existe a leitura por prazer e ocorrem os momentos de gozo. Aquele (a) que lê por prazer quer chegar ao final, desvendar o mistério, encontrar o sentido...

JCG: Não deve se confundir a suspensão da qual estamos falando com a suspensão como técnica meramente narrativa cujo único propósito é excitar o (a) leitor (a)²¹...

LA: Há quem leia como quem vai a um strip-tease, buscando excitar-se, mas a excitação alcança um ápice e logo perde sua força...

¹⁷ DELEUZE, Gilles. *Différence et répétition*. Paris: PUF, 1968; DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Qu'est-ce que la philosophie ?* Paris: Les Éditions de Minuit, 2005.

¹⁸ DELEUZE, Gilles. *Proust et les signes*. Paris: PUF, 1970. Ver: *Présence et fonction de la folie, l'Araignée*.

¹⁹ BLANCHOT, Maurice. *L'entretien infini*. Paris: Gallimard, 1969. Ver: *Parole de fragment*.

²⁰ BLANCHOT, Maurice. *L'entretien infini*. Paris: Gallimard, 1969. Ver: *Nietzsche et l'écriture fragmentaire*.

²¹ BARTHES, Roland (1973). *Le Plaisir du texte*. Paris: Éditions du Seuil.

JCG: leem para se excitar e para sentir o prazer de conhecer o fim da história...

LA: No prazer, há um eu que permanece. No gozo, o eu quer chegar a ver algo: qual é o sexo desse corpo que está se despindo, mas não logra a vê-lo, não há revelação... Ou melhor, a revelação mostra que não há nada a ser revelado...

JCG: Há momentos da escritura que provocam no (a) leitor (a) uma sensação de desprazer. Ele (a) sente que está perdendo o tempo, que não passa nada...

LA: Na terapia, também ocorre vaivéns do prazer ao desprazer, inclusive, há sofrimento. O (a) analisando (a) sofre porque sabe, porque crê saber demasiado de si mesmo e dos outros, mas de vez em quando ocorrem descargas emocionais prazerosas...

JCG: O prazer e o desprazer são duas faces da mesma moeda; mas existem momentos em que o (a) leitor (a) é arrastado (a) para além do prazer e experimenta o texto como um objeto obscuro...

LA: É arrastado (a) para um além que pode ser associado ao gozo...

JCG: Há uma zona neutra onde o prazer desperta um gozo minúsculo e o gozo provoca um prazer extremo...

LA: Existem momentos marcados pelo silêncio; o prazer e o desprazer são passíveis de serem ditos. O gozo é da ordem do indizível, somente pode ser sugerido...

JCG: Na leitura, há momentos de gozo que são esquecidos de imediato, mas deixam suas pegadas; de uma ou outra maneira, no momento oportuno ou inoportuno, podem tornar a se apresentar...

LA: Somente o livro, só algo tão familiar, pode se converter, em certos momentos, em algo estranho... o livro surge de uma luta entre o corpo do (a) escritor (a) e o corpo da linguagem²²...

JCG: Nesta luta, o (a) escritor (a) é sujeito e objeto... modela, ou melhor, modula uma matéria que o modula²³...,mas, e o (a) leitor(a)?

LA: O corpo do (a) leitor (a) e o corpo do (a) escritor (a) se tocam através do livro; o livro toca ao (à) leitor (a) que o toca; a relação se faz e se desfaz através da leitura...

JCG: Alguém toca por equívoco um objeto ardente e se assusta antes de saber que se está queimando: como é possível que alguns traços negros sobre uma página em branco podem ser experimentados como se alguém se estivesse queimando²⁴?

²² BLANCHOT, Maurice. *L'entretien infini*. Paris: Gallimard, 1969. Ver: *Le rapport du troisième genre*.

²³ DELEUZE, Gilles. *Curso Pintura, el concepto de diagrama*. Buenos Aires: Editorial Cactus, 2016.

²⁴ WEIL, Simone. *Essai sur la notion de lecture*, en *Les Études Philosophiques*, 1, enero-marzo, 1946.

LA: É necessário aceitar que sempre estamos tratando de ler tudo o que se apresenta diante de nós, que vemos o mundo como se fora parte de um texto com sentido...

JCG: Há um mistério na leitura, um mistério que pode ajudar a explorar outros mistérios da vida humana²⁵...

LA: O (a) leitor (a) relê, no livro, fragmentos de sua própria história, revive suas recordações, seus desejos...

JCG: Algo assim só é possível quando a escritura e a leitura estão cravadas no corpo, na percepção, na experiência sensorial do tocar e de ser tocado²⁶...

LA: Através da leitura se toca o corpo, algo que vem, supostamente, de fora, do livro, e algo que vem, aparentemente, de dentro, do (a) leitor (a), de sua mente e de suas emoções...

JCG: Mas, sobretudo de sua pele, de seu corpo²⁷...

LA: Todavia, a leitura produz os efeitos que normalmente tomamos como suas causas. Na profusão efervescente da relação, os corpos se apresentam intensamente. Há momentos excepcionais em que o (a) leitor (a) vislumbra que nada disso, que nem sequer seu corpo, é realmente seu...

JCG: Nesses vaivéns, o decisivo não ocorre nem no livro nem no (a) leitor (a), mas entre um e outro²⁸.

LA: Querendo ir ao encontro do outro talvez nos encontremos com o outro, envoltos em uma relação que não é de sujeito a sujeito nem de sujeito a objeto²⁹...

JCG: Nem eu nem tu, nem ele nem ela, mas o outro: um termo neutro...

LA: Uma relação com o estranho que provoca uma interrupção, um estar à espera...

JCG: Um esperar sem saber o que, uma serenidade que torna possível deixar ser, porque não há expectativa³⁰...

LA: Em estados assim, o mais familiar se converte em estranho, quando algo aparece não o faz como um objeto para um sujeito...

JCG: São experiências excepcionais que se tocam de vez em quando na vida cotidiana, são momentos em que se aceita o que é tal como é, renunciando a colocar-lhe um nome, a convertê-lo em algo ou alguém...

LA: São experiências inseparáveis de uma espera atenta, sem propósito, neutra³¹...

²⁵ WEIL, Simone. *Essai sur la notion de lecture*, en *Les Études Philosophiques*, 1, enero-marzo, 1946.

²⁶ MERLEAU-PONTY, Maurice. *Le visible et l'invisible*. Paris: Gallimard, 1964.

²⁷ NANCY, Jean-Luc. *Corpus*. Paris: Editions Métailié, 2006.

²⁸ DELEUZE, Gilles. *Francis Bacon: logique de la sensation*. Paris: Seuil, 2002.

²⁹ BLANCHOT, Maurice. *L'entretien infini*. Paris: Gallimard, 1969. Ver: *Le rapport du troisième genre*.

³⁰ HEIDEGGER, Martin. *Questions III et IV*. Paris, Gallimard, 1976.

JCG: Estão associadas a uma sorte de despertar, o despertar de uma fé perceptiva que só crê e aceita o que pode tocar quando é tocada³²...

LA: É a experiência de algo que não pode ser capturado em uma experiência³³...

JCG: A única maneira de experimentar o que está muito além é o sentir aquém, no corpo...

LA: Estamos forçando a linguagem para que seja capaz de acompanhar a percepção sensorial...

JCG: Olho algo com atenção e, ao vê-lo, experimento que excede o que posso ver³⁴...

LA: Compreendemos que não compreendemos, que estamos às cegas...

JCG: Não vemos na escuridão, vemos a escuridão; o escuro pode ser uma noite sem luzes, sem lua nem estrelas, mas também pode ser um céu azul sem nuvens, diáfano...

LA: Uma das formas do obscuro é o claro... para aludir a isso seria necessário uma linguagem que não esclarece nem obscurece, uma linguagem neutra³⁵...

JCG: que vem da experiência mesma do neutro...

LA: Uma experiência que nos leva a afirmar que o neutro é indizível e, ao mesmo tempo, nos força a tratar de dizê-lo...

JCG: Temos tentado manter um diálogo que nos arrastou uma e outra vez para distintas direções...

LA: Em uma ou outra vez, perdemos o norte, mas há algo na experiência que aponta sempre na mesma direção e que, graças ou apesar de tudo, nos leva até aí...

JCG: e nos traz até aqui.

³¹ BLANCHOT, Maurice. *L'entretien infini*. Paris: Gallimard, 1969. Ver: *L'affirmation*.

³² MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard, 1976. Ver: *La chose et le monde naturel*.

³³ BLANCHOT, Maurice. *L'entretien infini*. Paris: Gallimard, 1969. Ver: *L'affirmation*.

³⁴ WEIL, Simone. *La gravedad y la gracia*. Madrid: Editorial Trotta, 1994. Ver: *La atención*.

³⁵ BLANCHOT, Maurice. *L'entretien infini*. Paris: Gallimard, 1969. Ver: *La voix narrative*.

Referências Bibliográficas

- ANSELMO. *Proslogion*. Madrid: Tecnos, 1998.
- BERGSON, Henri. *Durée et simultanéité. À propos de la théorie d'Einstein*. Paris: PUF, 1968.
- BARTHES, Roland. *Leçon*. Paris: Seuil, 1978.
- BARTHES, Roland (1973). *Le Plaisir du texte*. Paris: Éditions du Seuil.
- BLANCHOT, Maurice. *L'entretien infini*. Paris: Gallimard, 1969.
- DELEUZE, Gilles. *Différence et répétition*. Paris: PUF, 1968.
- DELEUZE, Gilles. *Proust et les signes*. Paris: PUF, 1970.
- DELEUZE, Gilles. *Cours sur Spinoza, La voix de Gilles Deleuze en ligne*, 1981
www2.univ-paris8.fr
- DELEUZE, Gilles. *Critique et clinique*. Paris: Minuit, 1993.
- DELEUZE, Gilles. *Francis Bacon: logique de la sensation*. Paris: Seuil, 2002.
- DELEUZE, Gilles. *Curso Pintura, el concepto de diagrama*. Buenos Aires: Editorial Cactus, 2016.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mille Plateaux*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Qu'est-ce que la philosophie ?* Paris: Les Éditions de Minuit, 2005.
- GORLIER, Juan Carlos. *Esbozos III – Barthes, Lo neutro*. USA: Amazon, 2019.
- HEIDEGGER, Martin. *Questions III et IV*. Paris, Gallimard, 1976.
- KIERKEGAARD, Søren. *Repetition, a venture in experimental psychology*, by Constantin Constantius (pseudónimo), Princeton, NJ: Princeton UP, 1983.
- LYOTARD, Jean-François. *Misère de la philosophie*. Paris: Galilée, 2000.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Le visible et l'invisible*. Paris: Gallimard, 1964.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard, 1976.
- NANCY, Jean-Luc. *Corpus*. Paris: Editions Métailié, 2006.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda consideración intempestiva. Sobre la utilidad y los inconvenientes de la historia para la vida*. Buenos Aires: El Zorzal, 2006.

OSSOLA, Carlo. *En pure perte. Le renoncement et le gratuit*. Paris: Payot et Rivages, 2011.

SARTRE, Jean Paul. *¿Qué es la literatura?* Buenos Aires: Losada, 1967.

WEIL, Simone. *La gravedad y la gracia*. Madrid: Editorial Trotta, 1994.

WEIL, Simone. *Essai sur la notion de lecture*, en *Les Études Philosophiques*, 1, enero-marzo, 1946.

WOOLF, Virginia. *A room of one's own*. New York, NY: Broadview Press, 2001.